



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Classes, Desigualdades e Políticas Públicas [ST]

AS CLASSES SOCIAIS E O TEMPO – ANÁLISE DE ALGUNS RESULTADOS PRELIMINARES

CARVALHO, Maria Manuela Madureira

ISCTE-IUL

maria.madureira@cm-lisboa.pt

CASANOVA, José Luís Sanches

Professor Auxiliar

ISCTE-IUL

jose.casanova@iscte.pt

Resumo

A relação que as classes sociais estabelecem com o tempo, enquanto dimensão de existência da vida humana, não tem despertado interesse aprofundado nas ciências sociais, mas existem algumas referências a reter.

A problematização sociológica do tempo deve-se inicialmente a autores como Durkheim, Shutz, Sorokin, Merton e Mead, mas sem propostas relevantes para a análise de classes.

Mais recentemente, Pierre Bourdieu introduziu contributos significativos sublinhando a importância do conceito de *habitus* de classe como modelador do uso do tempo e da diferenciação das orientações para o passado, para o presente ou para o futuro nos indivíduos, e Barbara Adam considera mesmo que, em geral, sectores sociais com mais recursos desenvolvem com maior acuidade uma orientação para o futuro e perspectivas de longo prazo face aos de menores recursos, cujos padrões de socialização raramente consideram o adiamento do prazer como iniciativa para a obtenção de recompensas no futuro.

Avaliar as relações entre classes sociais e o tempo representa, pois, tarefa sociológica importante. O trabalho já realizado, entretanto, requer teste empírico específico, desenvolvido e actualizado.

Este é o quadro em que se realizou um inquérito recente a uma amostra representativa da população de Lisboa.

O principal objectivo é observar a relação das pessoas com o tempo, através dos seus valores, representações e práticas sociais, e de acordo com a sua classe social.

Nesta comunicação serão apresentados os primeiros resultados desta pesquisa.

Abstract

The relationship between social classes and time as a human life dimension, has not deeply attracted interest in the social sciences, still there are some references to retain.

The sociological questioning of time is initially due to authors such as Durkheim, Shutz, Sorokin, Merton and Mead, although there were no relevant proposals to class analysis.

More recently, Pierre Bourdieu introduced significant contributions underlining the importance of the concept of social class *habitus* as shaper of the use of time and of differentiation of guidelines to the past, to the present or the future for individuals. Barbara Adam believes that social classes with more resources develop more accurately an orientation to the future and long-term thinking compared with people with low incomes, whose socialization patterns rarely consider the pleasure deferral as an enterprise to obtain rewards in the future.

Evaluate the relationship between social class and time is therefore important sociological task. The work already done, requires, however specific empirical test, developed and updated.

In this context we promoted a recent survey of a representative sample of the population of Lisbon.

Our main goal is to observe the relationship of people with the time, through their values , representations and social practices according to their social class.

In this communication it will be presented the first results of this research.

Palavras-chave: tempo; futuro; classe social; representações sociais; práticas sociais

Keywords: Time; future; social class; social representations; social practices

COM0930

As Classes Sociais e o Tempo – Análise de Alguns Resultados Preliminaresⁱ

Em primeiro lugar expomos sucintamente alguns contributos teóricos no âmbito de uma Sociologia do tempo. Seguidamente exploramos os resultados de uma pesquisa empírica sobre esta problemática, confrontando, por fim, os resultados empíricos com alguns contributos teóricos.

Coexistem inúmeras abordagens, autores, terminologias e reflexões sobre a importância de incluir o tempo na teoria social. Na impossibilidade de se enumerarem todas, abordaremos sucintamente os contributos sociológicos mais diretamente relacionados com o tema desta comunicação.

O tempo é um conceito de enorme abrangência, que adquire intenso significado sociológico quando entendido como estruturante da ação humana. Neste sentido, o tempo não só suporta as representações coletivas, produto da cooperação humana ao longo de várias gerações, como também contribui para a manutenção e reprodução das práticas sociais (Durkheim, 2002).

Os homens dividem-no em dias, semanas, meses e anos, fazendo corresponder certos acontecimentos sociais a certas datas no calendário. “Um calendário exprime o ritmo da atividade coletiva ao mesmo tempo que tem por função assegurar a sua regularidade” (Durkheim, 2002:14). De facto, é no âmbito da sociedade que o tempo adquire significado, pois todas as coisas que são temporalmente qualificadas são extraídas, segundo Durkheim, da vida social.

A problemática do tempo em Durkheim trouxe consequências para a Sociologia: a valorização do tempo enquanto facto sociológico fundamental para a compreensão das sociedades e a sua inclusão enquanto categoria social na teoria do conhecimento. O conceito de tempo em Durkheim é considerado legitimador da ordem social, contribuindo para a manutenção do *status quo* e reprodução das práticas sociais.

Depois de Durkheim, e no período que decorreu entre as guerras mundiais, a produção sociológica sobre o tema foi reduzida. Porém, a partir da década de cinquenta do século XX vários sociólogos desenvolveram teorias focadas no conceito de tempo. Merton (1996), Mead (1959), Gurvitch (1963), Sorokin (1964), Schutz (1979), Giddens (1997, 2000, 2009a), Adam (1990, 1995, 1998, 2000, 2004, 2010), Luhmann (1978), Castells (2011) Elias (1993) e Bourdieu (1998, 2002), entre muitos outros.

Diversos sociólogos, designadamente Bourdieu, Giddens, Castells e Adam teorizaram sobre a importância sociológica do conceito de tempo. O contributo teórico de Bourdieu é simultaneamente um contributo empírico e intimista. Dir-se-ia prático, considerando que as reflexões teóricas são a cada passo sustentadas por registos empíricosⁱⁱ, e intimista uma vez que o tempo experimentado pelos agentes é esmiuçado e aprofundado na sua natureza profundamente psicossocial.

Bourdieu critica a noção Kantiana de tempo enquanto realidade pré-estabelecida, propondo uma perspectiva sobre o ponto de vista do agente, onde o tempo não é anterior à prática. Nas palavras de Bourdieu, “a prática faz o tempo, a prática não é no tempo” (Bourdieu,1998:185). Dito por outras palavras, é na prática ditada por distintos referenciais sociais, económicos, políticos e culturais que o tempo adquire um sentido próprio. A prática da temporalização adquire-se na relação com o presente.

Esse presente já contém o porvir: “o bom jogador é o que, segundo o exemplo pascaliano, “coloca melhor” a sua bola ou que se coloca a si próprio não onde está a bola mas no lugar onde ela vai cair” (Bourdieu,1998:186). Para Bourdieu a disposição para o devir manifesta-se do ponto de vista químico e biológico. Perante uma situação de perigo, os sensores bioquímicos alertam relativamente a algo que poderá ocorrerⁱⁱⁱ (Bourdieu,1998). Neste sentido, o processo de antecipação é algo que começa na natureza e se apodera da cultura.

O tempo é o produto de um ato de construção, que incumbe, todavia, não à consciência pensante mas às disposições e à prática (Bourdieu, 1998: 191). A experiência do tempo adquire-se na relação entre o *habitus* e o mundo: “Entre as disposições para ser e para fazer, e as regularidades de um cosmo” (Bourdieu, 1998: 187). As práticas e as representações sobre o tempo resultam não só da experiência que o agente adquire quotidianamente como também da estrutura social que condiciona as suas ações. Esta perspectiva é interpretada pelo recurso ao conceito de *habitus* que influencia as perspetivas dos atores sobre o tempo

passado, presente e futuro: “O *habitus* é essa presença do passado no presente que torna possível a presença do presente no porvir.” (Bourdieu,1998:188).

O tempo experimentado pelo agente é consequência da diferença entre as suas expectativas e a realidade social. Resulta da relação entre as expectativas sentidas e os constrangimentos das situações dadas ou a acomodação do *habitus* aos campos de prática (Binkley, 2009: 98). Dito de outra forma, existem para Bourdieu duas dimensões constitutivas da experiência temporal: as esperanças subjetivas e as oportunidades objetivas. A ideia de expectativa resulta da distância entre esperanças e oportunidades. Porém, as esperanças e as oportunidades não são idênticas para todos os agentes. Através do *habitus* os agentes ajustam as suas práticas às possibilidades reais. Esse ajustamento decorre não só das condições materiais de existência mas também da influência de instituições como a família, ou a escola, cuja importância é fundamental para se assegurar oportunidades de êxito (Bourdieu,1998).

O acesso à experiência do tempo é desigual, dependendo a cada momento das condições económicas e sociais que facilitam, ou pelo contrário dificultam esse acesso. Em certas circunstâncias sociológicas (por exemplo, o desemprego), o laço entre passado e futuro parece cortado. Este fenómeno é vivido pelos denominados “homens sem futuro” (Bourdieu,1998). Os pequenos gestos do quotidiano, como cumprir prazos e horários, deixam de fazer parte do universo dos desempregados, bem como a distinção entre semana de trabalho e fim-de-semana para descanso (aquilo que Bourdieu designa de fins antecipadamente estabelecidos que assumem a forma de pequenas coisas para fazer, o porvir que está contido no presente). Nestas ocasiões, nada havendo para fazer, o tempo pode ser plenamente usufruído, no entanto a ausência de recursos financeiros, sociais e culturais deixa um tempo vazio (*deficit* de bens e excesso de tempo) (Bourdieu,1998). A experiência do futuro é acessível apenas àqueles que detêm algum capital económico e cultural. Por outro lado, quanto maiores os recursos disponíveis dos agentes, menor é o tempo de que dispõem para usufruir desses mesmos recursos (excesso de bens e *deficit* de tempo: Bourdieu,1998).

Porém, não é somente o capital económico ou cultural que condiciona os agentes no uso que fazem do tempo; o capital simbólico é porventura aquele que melhor reflete o tempo enquanto instrumento de poder. A dimensão simbólica do tempo, a forma como é diferentemente apropriado e valorizado pelos grupos socioprofissionais, garante a quem o exerce um poder único sobre os outros. É o poder de se fazer esperar. Certas profissões na área da saúde, ou do direito exercem-no exemplarmente.

Giddens parte do presente para justificar a sua abordagem teórica ao conceito de tempo. Trata-se porém de um presente que pressupõe não apenas uma posição do ator no tempo mas também no espaço (Carmo, 2006: 84). Este sociólogo propõe uma teoria social centrada na contextualização do ator social no espaço e no tempo. “Em sua opinião, a questão fundamental da teoria social consiste em expor como as limitações da “presença “ individual são transcendidas pela “extensão das relações sociais através do espaço e do tempo” (Giddens, 2009a: 41).

O contributo mais significativo de Giddens no âmbito da teoria da estruturação prende-se com a valorização do tempo e do espaço enquanto conceitos fundamentais à compreensão da estruturação das práticas sociais. O tempo, enquanto conceito sociológico, é dissecado em três dimensões temporais distintas e complementares: *durée*, *longue durée* e *dasein*. A *durée* surge associada à experiência quotidiana, imediata; a *longue durée* corresponde a uma escala temporal de longa duração; e o *dasein* ao ciclo de vida de uma pessoa ou instituição (Giddens, 2009a).

A *durée* reflete-se nas atividades que as pessoas desenvolvem ao longo do dia-a-dia. Essas atividades têm um carácter repetitivo, são rotineiras e reversíveis, e ocorrem independentemente dos percursos individuais. As noções de recursividade e reprodução social referenciadas por Giddens referem-se a esse carácter repetitivo da vida quotidiana. O suceder das horas, dias e estações do ano, é o pano de fundo sobre o qual ocorrem as rotinas. A vida quotidiana é constituída por uma sucessão de repetições, sendo a sua natureza reversível.

Por outro lado, a vida de um indivíduo (*dasein*) é irreversível, não se repete, não volta a ocorrer. Este facto pressupõe uma dimensão de temporalidade diversa da temporalidade essencial à vida quotidiana (*durée*). O ciclo de vida dos indivíduos é finito, irreversível. Porém, numa perspetiva mais abrangente, o conceito de ciclo de vida pode, segundo o autor, abarcar a sucessão das gerações, remetendo para uma terceira dimensão

da temporalidade, a *longue durée* ou *durée* supraindividual das instituições. Todas estas diferentes espessuras temporais coexistem: a *durée* da vida quotidiana (tempo reversível), o tempo de vida de um indivíduo (tempo irreversível/*dasein*) e a *longue durée* das instituições (tempo reversível): “O tempo reversível das instituições é a condição e o resultado das práticas organizadas na continuidade da vida diária, a principal forma substantiva da dualidade da estrutura” (Giddens, 2009a: 42).

O estudo das representações sociais sobre o tempo e sobre o futuro pode ilustrar bem a interpenetração das diversas temporalidades identificadas por Giddens. Em verdade, trata-se de apreender do ponto de vista sociológico a reversibilidade das práticas quotidianas dos atores (*durée*), os seus percursos de vida irreversíveis (*dasein*), e a sua capacidade de reflexão e de ação sobre fenómenos que estão para além das suas vidas, para além do *dasein*, como sejam as mudanças climáticas que se projetam no futuro (*longue durée*). Esse futuro, imaterial para os que vivem o presente, será o presente vivido pelas gerações vindouras.

O tempo assumiu uma importância tão relevante na obra de Giddens que é impossível dissociá-lo da teoria da estruturação. “For Giddens the issue of time is so intimately tied to his theory of stucturation that one could almost think that the problem of time for social theory had simply been the lack of a theory of stucturation” (Adam, 1990:14).

Apesar das diversas opiniões e pontos de vista sobre a temática do tempo, persiste um elemento comum entre diversos sociólogos: a aceitação do tempo como um elemento chave na vida social e, conseqüentemente, o reforço da sua centralidade no âmbito da teoria social (Adam, 1990).

Em *Time and Social Theory*, Adam evidencia a necessidade de incorporar o tempo na teoria social contestando a exclusão mútua de estrutura e mudança em ciências sociais e defendendo a ideia de que as ciências sociais compreendem todo o espectro de tempos, desde o tempo físico, ao “Clock Time”^{iv}, ao tempo cultural. A este propósito Adam comenta sobre Giddens: “He makes connections and shows the mutual implication of synchronic and diachronic analyses, change and structure of human doing, institucional reproduction and social transformation” (Adam, 1990:16).

O tempo como algo profundamente social, que advém do facto de que só os seres humanos usam, controlam, e vendem o tempo e sobre ele constroem mitos e histórias, é bastante evidenciado por Adam. A ideia de que só os humanos conceptualizam o tempo é o fio condutor da sua obra emblemática *Time and Social Theory* (1990).

O tempo, simultaneamente complexo, discreto, óbvio, plural e oculto está irreversivelmente ligado ao ciclo de vida de pessoas e instituições em todos os contextos sociais. Será porventura um dos conceitos mais intrinsecamente multidisciplinar, ponto de encontro das ciências físicas, biológicas, matemáticas, e sociais e humanas.

Tendo a modernidade como pano de fundo, Bourdieu, Giddens e Adam desenvolveram diferentes pontos de vista sobre o tempo. Para estes sociólogos o conceito de tempo social está associado a uma visão da Sociologia que reflete criticamente as inquietações próprias da modernidade. Bourdieu acentuou a natureza profundamente social do tempo e a sua desigual apropriação pelos agentes, tendo para esse efeito convocado o conceito central da sua obra, o *habitus*, através do qual os agentes vivenciam passado, presente e futuro.

Giddens valoriza o tempo não só como suporte para a teoria da estruturação mas também como elemento estruturante das práticas quotidianas.

Adam fundamenta a existência de uma temporalidade singular na natureza, no ambiente e nas sociedades globais contemporâneas. Essa temporalidade adquire sentido sociológico quando se considera o interesse do conceito de tempo como ferramenta teórica e metodológica.

O conceito de tempo social conforme aqui referenciado é um conceito instrumental, na medida em que tende a legitimar diferentes formas de interpretar a sociedade contemporânea (Carmo, 2006: 76). Este facto foi corroborado pela exposição das diferentes perspetivas sociológicas sobre o assunto. É certo que o recurso à reflexão sobre o conceito de tempo social e o desenvolvimento do pensamento crítico sobre a sociedade moderna suportaram algumas teorias sociológicas, porém a própria natureza das sociedades contemporâneas

e as novas questões que lhe estão associadas exigem novas conceptualizações. Por outras palavras, as recentes abordagens ao conceito de tempo social não só sugerem diversas leituras sociológicas da sociedade moderna como são elas próprias produtos dessa contemporaneidade.

Tendo esta problemática como pano de fundo, lançámos em Novembro de 2011 um questionário à população residente em Lisboa sobre valores, práticas e representações sobre tempo, futuro e mudanças climáticas. É precisamente sobre uma parte deste questionário que iremos focar a nossa análise, verificando se as pessoas valorizam diferentemente passado, presente e futuro e se essas variações estão relacionadas com a pertença a classes sociais distintas testando assim algumas das teses defendidas por Bourdieu e Adam. Iremos igualmente explorar a existência de eventuais traços socioculturais transversais entre os inquiridos.

O passado compreende uma experiência irrepetível, podendo apenas ser recordado enquanto representação mental e o tempo futuro é o tempo que ainda não ocorreu e sobre o qual é possível projetar desejos e inquietações. Contrariamente ao passado e ao futuro que são vividos enquanto representações, o tempo presente é uma prática, que é experimentada e vivenciada.

A questão que se formulou no questionário pressupõe que o tempo assume as propriedades acima referidas e traduziu-se num conjunto de três afirmações que se excluem mutuamente.

Cada uma das três afirmações se centrou num aspeto distinto do tempo: passado, presente e futuro. Estas afirmações foram o mote para a seguinte questão: Diga-nos por favor com que frase se identifica mais: “Recordar é viver e viver é recordar”; “Nascemos para viver intensamente o dia-a-dia”; “Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”.

Partindo desta questão, foi solicitado aos inquiridos que escolhessem a frase com que mais se identificavam, tendo-se verificado que 48,2% optaram pela frase “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”. A segunda resposta mais frequente foi a correspondente à frase “nascemos para viver intensamente o dia-a-dia” com cerca de 34% de respostas. Por fim a frase “recordar é viver e viver é recordar” com 17,5% de respostas.

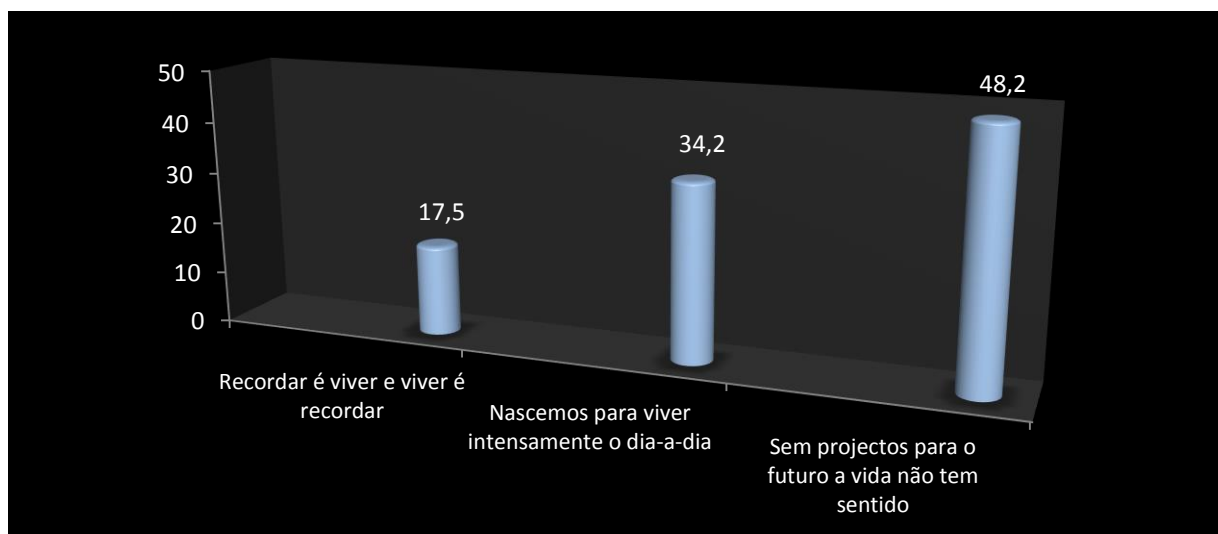


Figura 1 - Relação com o tempo (frequência e percentagem)

Tal como na categoria associada ao futuro, na categoria do tempo presente verifica-se uma ligeira diferença percentual entre mulheres (35,2%) e homens (33,1%). Já na categoria temporal mais centrada no passado, que foi a opção de 16,9% das pessoas, a tendência percentual inverte-se ou seja, é maior a percentagem de respostas de homens (18,9%) relativamente às mulheres (16,3%).

| Sexo | Relação com o tempo |
|------|---------------------|
|------|---------------------|

| | Recordar é viver | Nascemos para viver intensamente o dia-a-dia | Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido |
|-----------|------------------|--|---|
| Masculino | 33 | 58 | 84 |
| | 18,9 | 33,1 | 48 |
| Feminino | 32 | 69 | 95 |
| | 16,3 | 35,2 | 48,5 |

Quadro 1 - Sexo e relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

É no grupo etário dos 45 aos 64 anos que a valorização do tempo futuro apresenta maior expressão percentual (59,1%), seguindo-se, ainda que de modo menos inequívoco, o grupo com mais de 65 anos (51,4%). O grupo etário que mais valoriza o presente situa-se entre os 30 e os 44 anos e representa mais de metade dos inquiridos nessa faixa etária. Os jovens valorizam mais o tempo presente embora o peso percentual de respostas no âmbito deste grupo seja de 46,8%, valor inferior ao verificado no grupo etário dos 30 aos 44 anos. Comparando em coluna as percentagens em linha, é no grupo etário referente aos maiores de 65 anos que se encontra maior percentagem de respostas na categoria centrada no tempo passado, cerca de 34,9%, seguida do grupo dos jovens e jovens adultos com 16,1%.

| Relação com o tempo | | | |
|---------------------|------------------|--|---|
| Grupo etário | Recordar é viver | Nascemos para viver intensamente o dia a dia | Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido |
| 15-29 | 10 | 29 | 23 |
| | 16,1 | 46,8 | 37,1 |
| 30-44 | 10 | 43 | 32 |
| | 11,8 | 50,6 | 37,6 |
| 45-64 | 7 | 40 | 68 |
| | 6,1 | 34,8 | 59,1 |
| Mais de 65 | 38 | 15 | 56 |
| | 34,9 | 13,8 | 51,4 |

Nota: $\chi^2 = 58,433$; $p = 0,000$ de Cramer=0,281

Quadro 2. Grupo etário e relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

Se o nível de escolaridade for tido em conta, constata-se que a categoria “ensino básico” é a que apresenta maior percentagem de opções pela frase “recordar é viver e viver é recordar” (31,3%) (análise em coluna das percentagens em linha), apesar da maioria destes inquiridos ter escolhido a frase em que se valoriza o futuro (48,1%). Por outro lado, as pessoas com formação superior representam 53,8 % das respostas na categoria “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”. A categoria “nascemos para viver intensamente o dia-a-dia” é mais valorizada entre as pessoas que possuem nível de escolaridade secundário. Reconhece-se que quanto maior o nível de escolaridade, maior a tendência para a valorização do futuro.

| Relação com o Tempo | | | |
|----------------------|------------------|--|---|
| Grau de Escolaridade | Recordar é viver | Nascemos para viver intensamente o dia-a-dia | Sem projetos para o futuro a vida não tem sentido |
| Básico | 41 | 27 | 63 |
| | 31,3 | 20,6 | 48,1 |
| Secundário | 13 | 49 | 45 |
| | 12,1 | 45,8 | 42,1 |
| Superior | 11 | 51 | 71 |
| | 8,3 | 38,3 | 53,8 |

Nota: $\chi^2 = 35,964$; $p = 0,000$ de Cramer=0,220

Quadro 3 - Grau de escolaridade e relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

Sucintamente, conclui-se que cerca de metade dos inquiridos estão convictos que “sem projetos para o futuro a vida não tem sentido”. Nesta opção, constata-se uma ligeira predominância do sexo feminino, do grupo etário situado entre os 45 e os 64 anos bem como de indivíduos com escolaridade superior.

Os resultados até agora apresentados serão completados com recurso à análise multivariada. Deste modo pretende-se observar a relação das pessoas com o tempo, a sua orientação para o futuro, e os diferentes modos de relação que estabelecem com o tempo.

A partir de uma análise de correspondência múltiplas (Carvalho, 2008) procurou-se relacionar três variáveis na análise do “modo de relação com o tempo”: a orientação prospetiva (que cruza o gosto pelo planeamento do futuro e a prática da poupança), a relação com o tempo, e a natureza dos projetos (sendo que nesta última variável se incluíram, além dos que afirmam projetos de natureza individual e familiar, aqueles que mencionaram não ter qualquer tipo de projetos).

Na análise de correspondências múltiplas^v pode-se observar a associação predominante de algumas categorias no espaço dos “modos de relação com o tempo”.

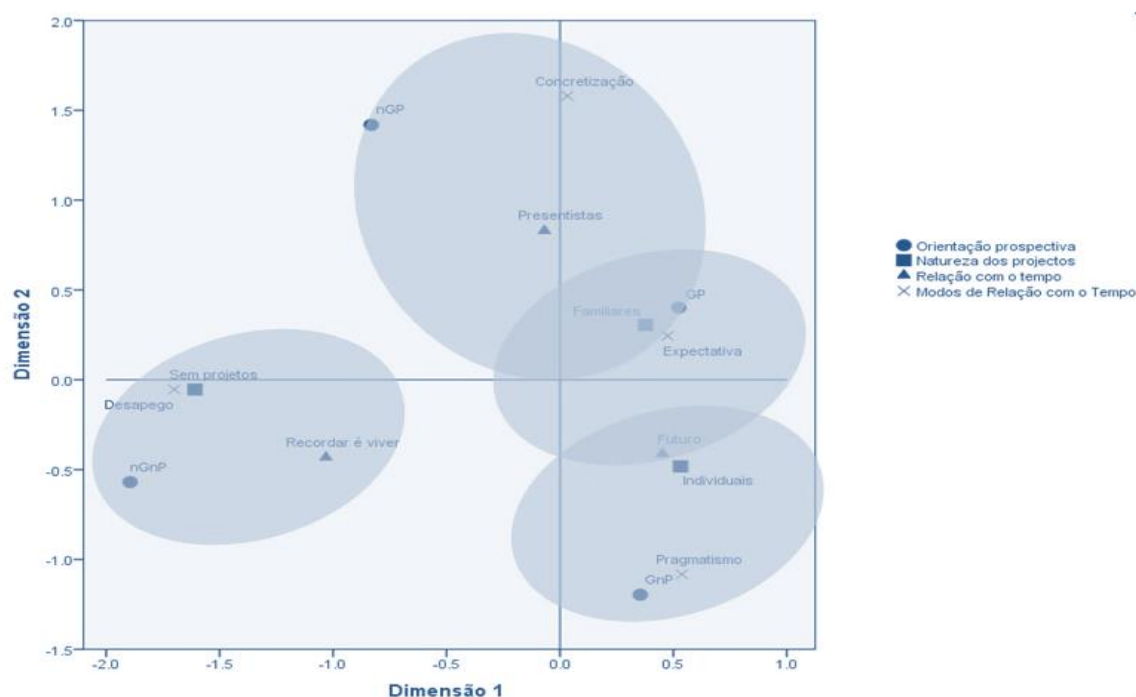


Figura 2- Modos de relação com o tempo

À primeira associação de categorias das variáveis incluídas na análise (situada no quadrante superior da tabela) designámos “concretização”, significando uma relação de construção efetiva do futuro. Esta dimensão é constituída por pessoas que valorizam o futuro, desenvolvem projetos de vida a nível familiar, têm gosto pelo planeamento do futuro e capacidade de poupança.

A segunda associação interseta em parte a primeira dimensão e é formada por pessoas que têm uma relação de “expectativa” face ao futuro. Valorizam o futuro, e desenvolvem projetos de vida de natureza individual porém o gosto pelo planeamento do futuro não é acompanhado pela prática da poupança.

A terceira associação (situada no quadrante inferior direito) corresponde o modo de relação com o tempo que designámos de “pragmatismo” e é constituída por pessoas que valorizam o presente, desenvolvem projetos de vida com os seus familiares e revelam consistência entre a prática da poupança e o gosto pelo planeamento do futuro.

A quarta associação (localizada no quadrante inferior esquerdo) corresponde ao modo de relação com o tempo que designámos de “desapego” ao futuro. As pessoas que desenvolvem este tipo de relação com o tempo, valorizam sobretudo o passado, não fazem projetos de vida, nem gostam de planear o futuro e não têm poupanças.

| Formas de relação com o tempo | N | % |
|-------------------------------|------------|-------------|
| Pragmatismo | 112 | 29.2 |
| Concretização | 57 | 14.8 |
| Desapego | 77 | 20.1 |
| Expectativa | 138 | 35.9 |

Quadro 4 - Tipologia de modos de relação com o tempo

Apura-se agora a distribuição dos “modos de relação com o tempo”. A relação de expectativa relativamente ao futuro (35,9%) deixa em aberto a fragilidade entre o gosto pelo planeamento do futuro, a apetência por fazer projetos para o futuro e a prática da poupança. O pragmatismo, pelo contrário resulta da coerência entre o gosto pelo planeamento e a prática da poupança. Seguem-se as duas outras categorias, o desapego (20,1%) indicando a ausência de interesse pelo futuro e a concretização (14,8%), sugerindo a capacidade de projectar o futuro em termos de práticas e de representações.

Aprofundando um pouco mais a caracterização dos modos de relação com o tempo, observa-se que não existem diferenças significativas entre homens e mulheres.

| Sexo | Modos de relação com o Tempo | | | |
|-----------|------------------------------|---------------|----------|-------------|
| | Pragmatismo | Concretização | Desapego | Expectativa |
| Masculino | 53 | 28 | 37 | 67 |
| | 28,6 | 15,1 | 20 | 36,2 |
| Feminino | 59 | 29 | 40 | 71 |
| | 29,6 | 14,6 | 20,1 | 35,7 |

Quadro 5 - Sexo e modos de relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

Os jovens dividem-se entre o “pragmatismo” (45,3%), e a “expectativa” (35,9), e a relação de expectativa é dominante nas faixas etárias entre os 30 e os 44 anos (39,8%) e entre os 45 e os 64 anos

(44,1%). O “desapego” é dominante entre os maiores de 65 anos (36%). O “desapego”, e a “expectativa” ainda que de modo menos definitivo, aumentam com o avançar da idade. O “pragmatismo” e a “concretização” não têm um desenvolvimento linear no que toca à idade.

| Grupo etário | Modos de relação com o Tempo | | | |
|--------------|------------------------------|---------------|----------|-------------|
| | Pragmatismo | Concretização | Desapego | Expectativa |
| 15-29 | 29 | 8 | 4 | 23 |
| | 45,3 | 12,5 | 6,3 | 35,9 |
| 30-44 | 21 | 20 | 12 | 35 |
| | 23,9 | 22,7 | 13,6 | 39,8 |
| 45-64 | 27 | 19 | 20 | 52 |
| | 22,9 | 16,1 | 16,9 | 44,1 |
| mais de 65 | 35 | 10 | 41 | 28 |
| | 30,7 | 8,8 | 36,0 | 24,6 |

Nota: $\chi^2 = 44,623$; $p = 0,000$; V de Cramer = 0,19

Quadro 6 - Grupo etário e modos de relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

A distribuição por níveis de escolaridade sugere uma ligação mais forte entre “desapego” e frequência do ensino básico. A “expectativa” é mais frequente entre pessoas com nível superior ou secundário. A escolaridade aparece assim como elemento impulsionador do gosto pelo planeamento do futuro e do desejo de desenvolver projetos de vida. Em sentido contrário vai o “desapego” que diminui sempre em termos relativos, à medida que a escolarização aumenta.

A relação de “desapego” é ainda dominante entre os trabalhadores independentes, empregados executantes e operários, enquanto nos profissionais técnicos e de enquadramento tem maior peso a “expectativa”. Os empresários, dirigentes e liberais dividem-se entre o “pragmatismo” e a “expectativa”.^{vi}

| Grau de Escolaridade | Modos de Relação com o Tempo | | | |
|----------------------|------------------------------|---------------|----------|-------------|
| | Pragmatismo | Concretização | Desapego | Expectativa |
| Básico | 42 | 13 | 50 | 29 |
| | 31,3 | 9,7 | 37,3 | 21,6 |
| Secundário | 30 | 21 | 16 | 44 |
| | 27 | 18,9 | 14,4 | 39,6 |
| Superior | 40 | 23 | 11 | 65 |
| | 28,8 | 16,5 | 7,9 | 46,8 |

Nota: $\chi^2 = 48,760$; $p = 0,000$; V de Cramer = 0,252

Quadro 7 - Escolaridade e modos de relação com o tempo (frequência e percentagem em linha)

| Categoria socio - profissional | Modos de relação com o tempo | | | |
|--|------------------------------|---------------|----------|-------------|
| | Pragmatismo | Concretização | Desapego | Expectativa |
| Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais | 10 | 6 | 1 | 10 |
| | 37 | 22,2 | 3,7 | 37 |
| Profissionais Técnicos e de Enquadramento | 35 | 20 | 12 | 65 |
| | 26,5 | 15,2 | 9,1 | 49,2 |
| Trabalhadores Independentes | 3 | 1 | 4 | 3 |
| | 27,3 | 9,1 | 36,4 | 27,3 |
| Empregados Executantes | 32 | 20 | 43 | 40 |
| | 23,7 | 14,8 | 31,9 | 29,6 |
| Operários | 15 | 6 | 15 | 6 |
| | 35,7 | 14,3 | 35,7 | 14,3 |

Quadro 8 - Categoria socioprofissional e modos de relação com o tempo

| Índice de orientações sociais | Tipologia modos de relação com o tempo | | | |
|-------------------------------|--|---------------|----------|-------------|
| | Pragmatismo | Concretização | Desapego | Expectativa |
| Autonomia | 61 | 29 | 32 | 88 |
| | 29 | 13,6 | 15,2 | 41,9 |
| Resistência | 21 | 4 | 14 | 22 |
| | 34,4 | 6,6 | 23 | 36,1 |
| Independência | 14 | 12 | 9 | 18 |
| | 26,4 | 22,6 | 17 | 34 |
| Heteronomia | 9 | 10 | 18 | 8 |
| | 20 | 22,2 | 40 | 17,8 |

Nota: $\chi^2 = 26,801$; $p < 0,05$; V de Cramer = 0,156

Quadro 9 - Índice de orientações sociais e tipologia dos modos de relação com o tempo (frequência e percentagens em linha)

O conceito de orientação social tem vindo a ser aplicado em diversos contextos de investigação com o objectivo de operacionalizar o *habitus*, apurando-se a (in)conformidade relativamente às desigualdades sociais bem como a proactividade dos agentes.

As orientações sociais consubstanciam naturezas sociais diversas. A orientação da autonomia pressupõe maior ação dos indivíduos sobre a estrutura social. No extremo oposto, a orientação da heteronomia, representa o menor grau de ação do indivíduo sobre a estrutura. De acordo com esta lógica, subsistem orientações sociais intermédias: a orientação da independência (proactivos conformados com a desigualdade), e a orientação da resistência (não proactivos inconformados com a desigualdade) (Casanova, 2004: 264).

Neste caso em particular, pretende-se verificar até que ponto as orientações sociais podem ser estruturantes dos modos de relação com o tempo. Na orientação da autonomia (41,9%), tal como na da independência, ainda que aqui por valor inferior (34%), predomina claramente uma relação de expectativa face ao futuro. Já a orientação da resistência quase se divide entre a “expectativa” (36,1%) e o “pragmatismo” (34,4%). A orientação da heteronomia é a única em que prevalece uma relação de desapego (40%).

| Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida? | Modos de relação com o tempo | | | |
|--|------------------------------|---------------|----------|-------------|
| | Pragmatismo | Concretização | Desapego | Expectativa |
| Sempre/muitas vezes | 96 | 46 | 46 | 118 |
| | 31,4 | 15 | 15 | 38,6 |
| Algumas vezes/ raramente ou nunca | 15 | 11 | 30 | 20 |
| | 19,7 | 14,5 | 39,5 | 26,3 |

Nota: $\chi^2 = 23,656$; $p = 0,000$; V de Cramer = 0,249

Quadro 10 - Reflexividade e modos de relação com o tempo (frequência e percentagens em linha)

E qual será o papel da reflexividade nos modos de relação com o tempo? O aprofundamento desta questão passou pela criação de um indicador de reflexividade traduzido na seguinte questão: “Com que frequência pensa antes de tomar decisões sobre a sua vida?” Na verdade, as pessoas que refletem mais intensamente antes de tomarem decisões desenvolvem com maior frequência uma relação de expectativa face ao futuro (38,6%) e de pragmatismo (31,4%), contrariamente às pessoas que apresentam menores índices de reflexividade que estão mais próximas da relação de desapego (39,5%).

Neste contexto, orientações sociais e reflexividade surgem, pois, como estruturantes dos modos de relação com o tempo.

De um modo geral, esta pesquisa empírica está em consonância com o conceito de diferenciação temporal defendido por Luhmann onde passado, presente e futuro são observados enquanto categorias distintas nas sociedades modernas. O pressuposto defendido por Bourdieu (1998) que o tempo adquire sentido na prática, e a prática é ditada pelos diferentes contextos sociais e culturais, é aqui verificado, pois a experiência do tempo altera-se não só consoante as características sociodemográficas, socio-educacionais e socioprofissionais dos indivíduos, como acompanha traços socioculturais estruturais.

Referências bibliográficas

- Adam, Barbara (1990), *Time and social theory*, Cambridge, Polity Press.
- Adam, Barbara (1995), *Timewatch: the social analysis of time*, Cambridge, Polity Press
- Adam, Barbara (2004a), “Memory of Futures”, *KronoScope*, 4 (2), pp. 298-315.
- Adam, Barbara (2004b), *A Social Theory Exploration of Responsibility for Long Term Futures*, Cardiff, Cardiff University School of Social Sciences.
- Adam, Barbara (2004c), *Of metaphors, morals and memories: reflections on socioenvironmental action from a temporal perspective*, Cardiff, Cardiff University School of Social Sciences.
- Adam, Barbara (2005), “The Future in Max Weber’s Methodological Writings”, *Economic and Science Research Council (ESRC)*, pp. 1-14.
- Adam, Barbara (2010a), “Future Matters: Challenge for Social Theory and Social Inquiry”, *Cultura e Comunicazione*, 1, pp. 47-55.
- Adam, Barbara (2010b), “History of the future: Paradoxes and challenges”, *Rethinking History*, 14 (3), Cardiff University, pp. 361-378.
- Adam, Barbara (2011), “Wendell Bell and the sociology of the future: Challenges past, present and future”, *Futures*, 43, pp. 590-595.
- Almeida, João Ferreira de (1990), *Valores e representações sociais*, Portugal, os próximos 20 anos (Vol. VIII), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Almeida, João Ferreira de, Villaverde Cabral, Machado Pais (1990a), “Valores nos anos 90: romantismo ou pragmatismo?” (As Noites de Sociologia), *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 8, pp. 174-188.
- Almeida, João Ferreira de, Luís Capucha, Firmino da Costa, Fernando Machado, Isabel Nicolau, Elisabeth Reis, (1994), colaboração de Natália Alves e José Luís Casanova. *Exclusão Social. Fatores e tipos de pobreza em Portugal*. Oeiras: Celta Editora: (2ª edição).
- Almeida, João Ferreira de, Luís Capucha, António Firmino da Costa, Fernando Machado, Isabel Nicolau, Elisabeth Reis (1994), *Exclusão Social. Fatores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras: Celta Editora: (2ª edição).
- Almeida, João Ferreira de, José Casanova, António Firmino da Costa e outros (2000), *Os portugueses e o ambiente: Inquérito nacional às representações e práticas dos portugueses sobre o ambiente*, Oeiras, Celta Editora.
- Almeida, João Ferreira de, José Casanova, António Firmino da Costa e outros (2004), *Os portugueses e o ambiente: II inquérito nacional às representações e práticas dos portugueses sobre o ambiente*, Oeiras, Celta Editora.
- Araújo, Emília (2000), “Do sentido do tempo ou da impossibilidade de sentido” comunicação apresentada no *IV Congresso Português de Sociologia*, Universidade do Coimbra – Faculdade de Economia - 17 a 29 de abril de 2000.
- Araújo, Emilia (2005), “Understanding the PhD as a Phase in Time”, *Time & Society*, London, Sage, 14, (2/3), pp. 191-211.
- Araújo, Emília (2012), “As Identidades e a Política dos Tempos Sociais” comunicação apresentada no VII Congresso Português de Sociologia, Universidade do Porto – Faculdade de Letras-Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 19 a 22 de junho de 2012.
- Bell, Wendell (2003), *Foundations of futures studies. History, purposes and knowledge. Human science for a new era* (Vol. I), New Brunswick, Transaction Publishers.
- Bell, Wendell (2004), *Foundations of futures studies. Values, Objectivity, and Good Society. Human science for a new era* (Vol.II), New Brunswick, Transaction Publishers.
- Binkley, S. (2009), “Governmentality, temporality and practice: From the individualization of risk to the contradictory movements of the soul”, *Time Society*, (18), pp. 86-105.
- Bonny, Ives (2004), *Sociologie du Temps Présent: Modernité Avancée ou Post –Modernité*, Paris, Armacid, Colin.
- Bourdieu, P. (1979), *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*, Paris, Minuit.
- Bourdieu, P. (1994), *Raisons Pratiques. Sur la Théorie de l’Action*, Paris, Seuil.
- Bourdieu, P. (1998), *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, P. (2002), *Esboço de uma Teoria da Prática. Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, P. (2004), *Para uma sociologia da ciência*, Lisboa, Edições 70.
- Caetano, Ana (2011) Para uma Análise Sociológica da Reflexividade Individual, *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 66, pp. 157- 174.
- Carmo, Renato (2006), *Contributos Para uma Sociologia do Espaço- Tempo*, Oeiras, Celta Editora.
- Castells, Manuel (2007), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura O Poder da Identidade*, Volume II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, Manuel (2011), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede*, Volume I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (4ª edição).

- Castree, Noel (2010), “The paradoxical Professor Giddens. The Politics of Climate Change”, *The Sociological Review*, 58 (1), pp. 156-162.
- Casanova, José Luís (1993), *Posições e Disposições - Trajetórias Sociais e Recomposição do Habitus*, Lisboa, ISCTE, dissertação de mestrado.
- Casanova, José Luís (1995a), “A ‘teoria da prática’ - uma prática menos teorizada?”, *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 17, pp. 61-73.
- Casanova, José Luís (1995b), “Uma avaliação conceptual do ‘habitus’”, *Revista de Sociologia Problemas e Práticas*, 18, pp. 45-68.
- Casanova, José. Luís (2004), *Naturezas Sociais. Diversidade e Orientações Sociais na Sociedade Portuguesa*. Oeiras, Celta Editora
- Denton, M. A., C. L. Kemp, S. French, A. Gafni, A. Joshi, C. J. Rosenthal, S. Davies (2004), “Reflexive planning for later life”, *Canadian Journal on Aging*, (23), Supplement, pp. S71- S82.
- Elias, Norbert (1993), *Time: An Essay*, Oxford UK & Cambridge, USA, Blackwell Publishers
- Giddens, Anthony (1997), *Modernidade e identidade pessoal*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2000a), *As consequências da modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2000b), *A Dualidade da Estrutura - Agência e Estrutura*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2009a), *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, Anthony (2009b), *The politics of climate change*. Cambridge: Polity Press.
- Godet, M. (1993), *Manual de prospetiva estratégica: Da antecipação à ação*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Luhmann, Niklas (1982), *The Differentiation of Society*, New York, Columbia University Press.
- Luhmann, Niklas (1993), *Risk: A Sociological Theory*, Berlin, New York, Walter de Gruyter.
- Schmidt, Luísa e N. Joaquim (2003), “*As alterações Climáticas no Quotidiano. Estudo Comportamental de Curta Duração*”, Lisboa.

ⁱ O trabalho aqui apresentado contou com a preciosa colaboração de Tiago Carvalho.

ⁱⁱ Veja-se a abordagem feita por Bourdieu à problemática do tempo em “Meditações Pascalianas”.

ⁱⁱⁱ A alteração hormonal sofrida pelo surfista antecipa o medo provocado pela aproximação do tubarão.

^{iv} “*Clock time*” é o tempo usado pelos cientistas na medição de eventos.

^v A análise de correspondências múltiplas foi aplicada com um total de 3 variáveis que resultaram em duas dimensões distintas. A primeira com um Eigenvalue de 1,719 e a segunda com 1,134, num total de 2,853. De seguida, através dos *object scores* resultantes desta análise utilizou-se o método de clusterização Ward para construir a variável “modos de relação com o tempo”. Na representação gráfica a variável “modos de relação com o tempo” tem um cariz suplementar.

^{vi} A categoria socioprofissional foi operacionalizada de acordo com o modelo desenvolvido por Machado *et ali* (2003).